

QUEIROZ, Rachel de. O Quinze. 72ª edição. São Paulo: ARX, 2003. p.152.

Resenhado por: Taffarel Bandeira<sup>1</sup>  
Renata Pimentel<sup>2</sup>

Há ocasiões dentro das historiografias literárias em que uma estética é sucedida por outra que a complementa ou contesta, exprimindo uma preocupação artística comum de determinado grupo de escritores dentro de um momento histórico-social. *O quinze*, romance de estreia da cearense Rachel de Queiroz, publicado no ano de 1930, é um exemplo de obra que, embora não tenha por si só inaugurado um movimento literário na sua totalidade, une ao resgate de uma tradição romanesca realista, com seus pressupostos estilísticos, a preocupação e transcrição dos dramas brasileiros de sua época, abrindo um produtivo caminho dentro da prosa moderna.

Esse livrinho, como chamava sua criadora, nasceu imerso no contexto moderno da nossa literatura. Junto a *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, introduziu aquilo a que se chama romance regionalista, que resgata tão bem a objetividade, o compromisso com o verossímil e a análise psicológica comuns aos romances realistas de Machado de Assis e Eça de Queiroz, e adiciona a tais características a cor local<sup>3</sup> e o engajamento social, fazendo das páginas literárias um espaço fidedigno de discussão das mazelas que cingiam as primeiras décadas do século passado.

Rachel de Queiroz publicou *O quinze* quando tinha ainda 19 anos. A pouca idade e o fato de ser uma mulher levantaram suspeitas quanto à real autoria da obra. Críticos e escritores não acreditavam ser tal livro produto de uma jovem, por ser a obra tão bem escrita numa linguagem objetiva, límpida, livre de ornamentos e concessões sentimentais, o que, para eles, fugia ao estereótipo da produção literária feminina.

---

<sup>1</sup> Taffarel Bandeira Guedes é Discente do Departamento de Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Rua Dom Manoel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos - CEP: 52171-900 - Recife/PE. E-mail: [taffarelbandeira@hotmail.com](mailto:taffarelbandeira@hotmail.com)

<sup>2</sup> Renata Pimentel Teixeira é Docente do Departamento de Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Rua Dom Manoel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos - CEP: 52171-900 - Recife/PE. E-mail: [renatapimentel@gmail.com](mailto:renatapimentel@gmail.com)

<sup>3</sup> O conceito de cor local, nos romances neorrealistas, aplica-se ao compromisso do escritor em trazer para a narrativa as características peculiares (cultura, tipo humano, dialeto, léxico) de determinada região que compõe o espaço ficcional do texto. (O autor)

A linguagem é, portanto, o grande trunfo do romance. Sendo simples e direta, ela se priva de termos demasiado eruditos e construções longas, que travam o texto e a fluidez da leitura, principalmente nos diálogos. Aqui, os períodos são curtos, o vocabulário é prosaico, e os termos utilizados por vezes denotam um léxico próprio da região nordeste, com suas singularidades linguísticas.

Tais traços mantêm-se presentes nas obras posteriores, como *João Miguel e Caminho de Pedras*. Também nas crônicas publicadas, a autora não abandona sua técnica narrativa, atingindo uma maturidade estilística no monumental *Memorial de Maria Moura*, seu derradeiro romance, publicado em 1992.

O tema da obra também é dianteiro: a seca. Ainda que precedido por *A bagaceira*, de 1928, romance que também aborda o tema e que a autora disse não ter lido antes de compor *O quinze*, percebe-se que o assunto é tratado com a segurança e o conhecimento cabíveis a quem viveu aquele desastre de 1915, quase como um testemunho. A seca é o drama do nordestino e a personagem principal daquelas páginas. Mesmo quando não é citada explicitamente, observam-se seus estragos na vida e nos rostos dos miseráveis que se apresentam ao longo da narrativa:

“Dia a dia, com forças que iam minguando, a miséria escalavrava mais a cara sórdida, e mais fortemente os feria com a sua garra desapiedada. Só talvez por um milagre iam aguentando tanta fome, tanta sede, tanto sol. O comer era quando Deus fosse servido.” (2003, p. 62)

Narrado em 3ª pessoa, o romance é composto por capítulos e apresenta dois núcleos narrativos principais. Num, está a figura de Conceição. Personagem bem delineada, com suas sensibilidades, posições ideológicas e a forte personalidade feminina, mostra-se humana e sensível aos problemas causados pela seca na vida dos retirantes. Conceição e Vicente, seu primo, compõem o episódio amoroso da história, embora o relacionamento não chegue a se concretizar finalmente. No outro, aparecem os retirantes, liderados por Chico Bento. Ele, sua mulher, os filhos e a cunhada abandonam a casa e seguem em busca de melhores condições de vida, após desistirem de aguardar a chegada da chuva que não vinha. No meio do percurso, ficam a cunhada, que passa a viver numa cidade, e um dos filhos de Chico Bento, morto após ingerir mandioca crua, o que aumenta ainda mais o penar dos pobres. É nesse plano que a seca, com suas vítimas, mais se mostra, e onde a autora melhor expressou a linguagem chocante, que permite ao leitor sentir com constância esse drama, como se observa na seguinte passagem:

“Lá se tinha ficado o Josias, na sua cova à beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados, feita pelo pai. Ficou em paz. Não tinha mais que chorar de fome, estrada afora. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para cair depois no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz.” (2003, p. 61)

Contudo, não se alcança, neste livro, um engajamento político de esquerda pretenso a encontrar e julgar culpados, separando os abastados dos carentes, ou seja, os “maus ricos” e os “bons pobres”. A isso se deve a força da personagem Conceição, que permeia ambos os núcleos narrativos, permitindo ao leitor a criação de uma opinião sua acerca do que se passa nos dois mundos da história, independente de possíveis posturas partidárias da escritora. Preocupações político-sociais de outras ordens, porém, se fazem perceptíveis, como a da afirmação da mulher na sociedade, graças a esta que mais se assemelha a um alter ego da própria Rachel.

Assim, *O quinze* se apresenta como uma obra de inestimável valor dentro da história literária de nossas letras, graças ao seu caráter linguístico e temático, unidos na composição de um texto que se insere num dos momentos mais produtivos – se não o mais – desta literatura.

Transtemporal, diversos dos problemas abordados em muito se assemelham aos vividos ainda hoje por milhares de nordestinos, tantos anos passados. Nordestinos e Nordeste esses que ganharam o Brasil através desse livro que consagra, também, a nossa primeira grande romancista.